

XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
25 a 29 de outubro de 2005

GT: SEXUALIDADE, CORPO E GÊNERO

Mulheres, sexualidade e velhice
Andréa Moraes

MULHERES, SEXUALIDADE E VELHICE

Andréa Moraes Alves*

A sexualidade na velhice é um tema que desperta a curiosidade tanto dos especialistas na área (gerontólogos e geriatras, principalmente) quanto do público em geral. Ao discutir o tema em seminários e congressos ou ao conversar sobre ele com amigos sempre surge a indagação: afinal, os velhos e velhas fazem sexo? Namoram? O que fazem? Com quem? Perguntas como essas já foram formuladas e respondidas com êxito em pesquisas que envolvem adolescentes e pessoas em idade reprodutiva. O interesse pela sexualidade juvenil e adulta parece não precisar de justificativas, sua relevância é tida como óbvia. Afinal, trata-se, no mínimo, de um problema de saúde pública; problema esse que inúmeras vezes é tratado pela mídia em tom de ameaça e alarde; temas como a gravidez na adolescência, a violência sexual e o planejamento familiar nem sempre são abordados com a seriedade que merecem. Já o tratamento da sexualidade entre os idosos encontra um primeiro obstáculo claro: saber se ela (a sexualidade) existe entre os velhos. O próprio uso da expressão “sexo entre os velhos” já denota um outro obstáculo: o tabu das relações sexuais entre faixas etárias diferentes. A suposição compartilhada pelo senso comum é de que as relações sexuais devem ocorrer entre parceiros da mesma faixa etária. Portanto, velhos, se têm vida sexual ativa, devem exercê-la com parceiros da mesma idade. Exceção feita aos homens que têm seus encontros sexuais com mulheres mais jovens menos vigiados e mais legitimados; embora quanto mais aumenta o hiato entre as idades de homem e mulher envolvidos em uma relação amorosa/sexual maior se torna a vigilância, principalmente das famílias, preocupadas com os sentimentos e os recursos materiais de seus pais e avôs. Resumindo, a articulação entre sexualidade e velhice tem um contorno marcadamente moral. Antes de ser legitimado como um problema de saúde pública, como acontece entre os jovens, o sexo na velhice é tido prioritariamente como uma zona sombria, obscura e que, por isso mesmo, não deve ser exposta.

* A autora é professora adjunta da Escola de Serviço Social da UFRJ. Esse artigo faz parte da pesquisa Mulheres, sexualidade e velhice financiada pela Faperj. A pesquisa conta com a participação das bolsistas de IC Michelle Terra Esperandio de Sá e Claudia Pontes Porto.

Essa negação do lugar da sexualidade na velhice vem sendo aos poucos substituída por um discurso que aponta para a promoção da sexualidade como um recurso para garantia de auto-estima na vida madura. Esse discurso, propalado por geriatras e gerontólogos, atribui à sexualidade um papel terapêutico e está acompanhado por um arsenal de medicamentos e técnicas que tratam do sexo como um instrumento, mensurável e controlável, e que, bem manipulado, pode gerar um aumento de saúde mental e física do indivíduo (Katz & Marshall, 2004). Diferente do que se passa entre aqueles que se encontram em idade reprodutiva, o discurso da funcionalidade do sexo entre os velhos não visa conter um “excesso”, mas promover uma quantidade suficiente e adequada de estímulo sensorial. Aprender a ter prazer se torna o novo lema da pedagogia do sexo voltada para os mais velhos. Um exemplo interessante dessa pedagogia pode ser encontrado na internet¹. Um *site* intitulado **Corpo Humano** apresenta um artigo assinado por um médico que, após descrever as mudanças físicas ocorridas nos corpos de homens e mulheres a partir do início da velhice (que ele marca como ocorrendo em torno dos 50 anos), traz as seguintes “dicas”:

1. Manter-se sexualmente ativo: Já é consagrado que a atividade sexual prazerosa constitui um fator ponderável até para a longevidade humana. Depois dos 60 anos de idade, cerca de 30% dos homens apresentam disfunção sexual, isto é, distúrbios da ereção. Nessa faixa etária elas são especialmente de causa orgânica e podem ser bastante melhoradas com o tratamento medicamentoso ou cirúrgico, conforme o caso. Os outros 70% dos mais velhos, que compõem a maioria, não têm problemas maiores que lhes privem desse prazer. Por conseguinte, não deixar de imaginar sexo e de criar situações sexuais é fundamental para uma vida de melhor qualidade.

A fantasia sexual costuma ser a primeira coisa perdida em homens insatisfeitos com o seu desempenho junto à pessoa amada. E, sem estímulo não acontece o desejo, e, sem o desejo não há resposta sexual.

A masturbação aí pode ser uma ótima forma de colocar em prática a fantasia sexual imprescindível para estimular o desejo. Ler revistas e assistir a filmes de conteúdo erótico pode contribuir para os dois parceiros entrarem em contato com os seus íntimos desejos e preferências sexuais. Não se afastar da parceira, acariciá-la, beijá-la e tocá-la com carinho é o que mais importa.

2. Afastar-se do álcool e do fumo

Já é sabido que no homem idoso a resposta ao sexo costuma ser mais lenta do que nos jovens. E o álcool, apesar da idéia errônea de ser um afrodisíaco, é na verdade um agente depressor do sistema nervoso central, tornando a resposta desejada ainda mais lenta. Por outro lado, se um pouco de vinho for hábito de alguns, isso não é problema, até porque em doses baixas ou moderadas ele concorre como poderoso anti-oxidante para o organismo; em outras palavras: como anti- degenerativo contra a velhice precoce.

¹ Numa breve pesquisa na internet, no dia 04/08/2005, foram encontrados 10.700 *sites* relacionados ao tema sexualidade e velhice. Muitos *sites* anunciam venda de remédios e tratamentos contra impotência, agora batizada de “disfunção erétil”. Outra curiosidade dos *sites* é que eles se referem ao sexo exclusivamente na relação heterossexual e, no caso do *site* **Corpo Humano**, ilustrado aqui, a responsabilidade pelo ato sexual é atribuída ao homem.

3. Não cobrar um desempenho atlético

Nada de medir a satisfação sexual ou da parceira pela tumescência do pênis. Não fazer do ato sexual um desafio ou uma disputa contra a própria pessoa é atitude sensata. O certo mesmo é procurar se entregar e se deixar levar pelas emoções.

4. Escolher a hora certa

Quanto a esta dica, é sobretudo oportuno poder identificar em si próprio quando é que realmente ocorre o desejo sexual. Para uma enormidade de casais, a prática do sexo pela manhã, após uma boa noite de sono e descanso físico, pode ser mais indicado do que à noite ou à tarde. Isso varia naturalmente de pessoa para pessoa. É importante saber falar não, e escolher a hora mais adequada para a relação, valorizando o entrosamento do casal.

5. Ao menor sinal de problema, procurar ajuda

Neste campo de sexo entre os mais velhos, aliás, do mesmo modo que entre os jovens, quase todos os problemas têm solução se um profissional competente e interessado for consultado.

Modernamente, existem medicamentos adequados e de fácil aplicação que o urologista especializado indica para o paciente necessitado de correção de causa orgânica. Em alguns casos, uma prótese peniana, implantada por meio de uma operação considerada simples e muito eficaz, resolve convenientemente a questão.

Quanto aos problemas não médicos, de ordem psicológica, também eles exigem atenção. Às vezes apenas algumas sessões de aconselhamento breve ajudam a ser encontrada a solução para aquilo que pode parecer um problema irreversível.

Por fim, é muito útil ter em mente que, não raro, distúrbios sexuais são como uma bola de neve: o que aparentemente tem pouca importância agora, no futuro pode se tornar um problema complexo se não for logo resolvido. Portanto, não se encabule e procure ajuda especializada.

Tomando esse novo ambiente de incitação ao sexo como um contexto, a pesquisa “Mulheres, sexualidade e velhice” recolheu depoimentos de mulheres das camadas médias urbanas, residentes na cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 60 e 70 anos, sobre o lugar da sexualidade em suas vidas. Ao todo foram entrevistadas 12 mulheres². Buscamos contemplar no conjunto das entrevistadas as seguintes variações: mulheres com carreiras profissionais e donas de casa; mulheres casadas, solteiras, separadas e viúvas; mulheres com e sem filhos; mulheres residentes na zona sul, na zona norte e na zona oeste da cidade; mulheres que tiveram acesso ao ensino superior e mulheres que não tiveram. A busca por essa variabilidade no universo das camadas médias urbanas foi uma tentativa de obter narrativas diferenciadas de trajetórias de vida entre as mulheres nascidas na década de 1940 e verificar se essa variação se estenderia também à experiência sexual dessas mulheres. As pessoas nascidas nessa década viveram em um contexto de profundas mudanças. Jeni Vaitsman (1994) batizou esse grupo de “geração de transição” por terem atravessado as mudanças sociais ocorridas no país a partir da década de 1960. Os

² O projeto inicial previa entrevistas com 20 mulheres, mas não conseguimos alcançar esse número. Para esse artigo, vou apresentar uma análise parcial das entrevistas.

resultados da pesquisa de Vaitsman indicam uma flexibilização maior das normas de conduta sexual, sobretudo entre as mulheres. É essa geração que hoje começa a chegar aos 60 anos.

Trajетórias individuais e estrutura social: a importância das gerações

De acordo com o paradigma do curso da vida, as experiências geracionais - o compartilhar de sentimentos, de valores e de significados atribuídos a eventos históricos, um sentido de pertencimento a um mesmo tempo – estabelecem uma ponte entre as trajetórias singulares de cada indivíduo e a estrutura sócio-histórica. Essas experiências geracionais muitas vezes são produtoras de inovações. “Sob circunstâncias históricas específicas, certas coortes podem se mostrar extremamente ativas no direcionamento de mudanças de comportamento e na produção de uma memória ou tradição de referência coletiva – como parece ser o caso da geração *baby-boomer* do pós-guerra, nos países ocidentais (Brasil incluído)” (Simões:2004,424) A ênfase no potencial de mudança e ruptura que este olhar geracional nos traz contribui para compreendermos a questão do envelhecimento (e das chamadas “etapas da vida” em geral) a partir de um prisma novo; não mais a busca por modelos rígidos, padronizados e sequenciais, mas a exploração dos significados múltiplos e transitórios que a experiência do envelhecimento (e também da “infância” e da “juventude”) pode ter em grupos sócio-históricos distintos.³ Alguns grupos, especificamente, reúnem condições para alterar, de maneira profunda, comportamentos e visões de mundo. Essas gerações acabam por canalizar e reverberar novos estilos de vida e a fundar com isso grades de leitura sobre a mudança social. Uma pergunta que gostaria de responder a longo prazo é: sob quais condições uma geração constrói esse lugar para si?

Uma pista que pretendi percorrer nessa pesquisa é a de que essas mulheres, nascidas na década de 1940 e pertencentes às camadas médias urbanas, atravessaram

³ Uma questão também interessante que o paradigma do curso da vida nos permite pensar é sobre a sanção social que as sociedades contemporâneas conferem ao indivíduo para que ele adote diferentes modos de vida, atitudes e valores cada vez mais independentes da idade cronológica, muito embora a idade ainda seja o critério de atribuição de status ao sujeito em relação aos seus direitos e deveres como cidadão. No plano das escolhas individuais, o sujeito na sociedade contemporânea é instado a manipular sua própria idade através de uma série de mecanismos oferecidos no mercado de consumo.

algumas experiências comuns e hoje, aos 60 anos e mais, começam a olhar para trás e a fazer sentido dessas experiências. Esse significado comum, a narrativa comum que repetem sobre si mesmas e suas contemporâneas estão em construção hoje, é um olhar *a posteriori*. Alguns dos instrumentos para a construção desse olhar retrospectivo estão, a meu ver, na disseminação de um discurso de liberação feminina. Esse discurso se constitui como uma forma de individualização para as mulheres.

Apresento agora um perfil do grupo estudado e um dos eixos comuns presentes nas narrativas das trajetórias individuais recolhidas pela pesquisa para depois poder retomar com mais propriedade o argumento acima.

Perfil das mulheres entrevistadas

A dificuldade em se estabelecer contornos claros para a definição das camadas médias já se tornou lugar comum na teoria social. No caso brasileiro, desde os trabalhos pioneiros de Gilberto Velho, uma série de antropólogos e sociólogos vem discutindo a formação dessas camadas no Brasil e sua relação com a urbanização. Uma opinião comum se afirma entre esses pesquisadores que se defrontam com o desafio de delimitar empiricamente, no trabalho investigativo, as fronteiras de seu grupo de estudo. Essa opinião está bem representada por Heilborn (2004). A autora, em sua tese de doutorado recentemente publicada, intitulada *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*, enfatiza a dimensão da moralidade como aquela que seria mais capaz de expressar a identidade desses grupos médios. Os estratos de camadas médias se diferenciam entre si e de outras camadas marcando as fronteiras simbólicas da distinção, o *ethos* e o estilo de vida ganham preeminência na conformação desses segmentos. Eles se definem muito mais pela diferença em relação aos outros do que pela ênfase na homogeneidade interna. Embora haja certa fluidez na marcação dos limites, a vantagem “reside em apontar a dimensão plural (donde a fórmula também adotada de segmentos) e simultaneamente não depender de premissas substancialistas contidas na tradição vinculada à estratificação social ou na teoria que deriva a posição das classes dos meios de produção.” (Heilborn:2004,72)

Nessa pesquisa contei com a participação de duas bolsistas de iniciação científica. Sou professora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e selecionei essas alunas para participarem do projeto. A primeira função das bolsistas foi de buscar possíveis candidatas à entrevista. As leituras sobre pesquisa com camadas médias ajudaram a problematizar essa busca assim como também tiveram o efeito de questionar o seu próprio pertencimento de classe. Por várias vezes escutei as estudantes utilizarem a expressão “morar mal” para se referir as suas áreas de residência na cidade. Longe do *campus* da Praia Vermelha – zona sul – as alunas do curso de serviço social residem em geral na zona norte, no subúrbio e na zona oeste da cidade. Esse deslocamento geográfico marca também uma distinção. A zona sul seria o *habitat* natural das camadas médias elitizadas, ou seja, mais educadas e civilizadas – no sentido que Norbert Elias (1990) dá ao termo, mas não necessariamente mais ricas, ao passo que o resto da cidade abrigaria uma classe média voltada muito mais para o *ethos* do trabalho e do esforço para subir na vida. Esse *ethos* localiza a camada média suburbana numa fronteira entre as camadas populares e os estratos médios. A educação, principalmente a universitária, seria um dos marcadores importantes para a delimitação dessa fronteira, aproximando mais dos quadros médios. Assim, o ingresso na universidade, principalmente pública, é traduzido como “uma conquista”, “fruto de muita luta e trabalho árduo”. O deslocamento espacial implicado nessa entrada numa universidade localizada na zona sul da cidade torna ainda mais real para a estudante esse sentimento de sacrifício e esforço para transitar de uma fronteira social à outra.

A zona sul é o espaço da cidade onde se encontram todas as facilidades para aprimorar aquele estilo de vida mais refinado que é identificado com as camadas médias da região; existem mais opções de cinema, livrarias, restaurantes diferenciados, museus, teatros, shows de música, escolas e equipamentos urbanos que funcionam com mais regularidade. O resto da cidade ficaria com o outro extremo da escala: lá falta tudo isso.⁴ Quanto mais longe do centro e da zona sul, maior é a defasagem.

⁴ Myriam Moraes Lins de Barros concluiu duas pesquisas com estudantes universitários: Universidade, família e juventude e Juventude universitária, redes sociais, projetos e fluxos culturais. Nesses projetos aparece como dado relevante o deslocamento espacial e simbólico entre as áreas de moradia e o *campus* universitário. Uma análise parcial das pesquisas está publicada (Lins de Barros, 2004)

Deste modo, incentivei as alunas a procurarem também entre suas vizinhas e conhecidas possíveis candidatas à entrevista. Pedi que elas localizassem pessoas que, assim como elas, pertencessem à camada média do subúrbio e da Baixada. Dessa busca, apareceram quatro mulheres moradoras do subúrbio e da zona oeste, sendo que uma delas acabou desistindo de conceder a entrevista. As três mulheres que concederam entrevistas possuem ensino médio completo, nenhuma delas cursou a universidade; são todas casadas; duas trabalharam fora e hoje encontram-se aposentadas. Os trabalhos exercidos foram de auxiliar de enfermagem e auxiliar de escritório, ambos no serviço público. Uma delas atua politicamente na Baixada Fluminense.

Um outro grupo de entrevistadas, composto por seis mulheres, pertence a uma rede de amigas de uma professora da faculdade. Essas mulheres têm formação universitária e um mesmo passado de militância política, embora com níveis de adesão diferenciados. Todas residem na zona sul da cidade. Foi a partir da militância na Juventude Universitária Católica (JUC) que as vidas dessas mulheres se cruzaram. Entre elas existem casadas, viúvas e separadas.

Uma terceira rede que, na verdade, transformou-se numa díade porque só duas concederam entrevista, é de mulheres solteiras e que ainda atuam profissionalmente no mesmo ramo: a área da saúde. Elas se tornaram amigas através da profissão e comungam na origem social e no estado civil. Uma delas mora na zona sul e a outra na zona norte. Vieram para o Rio quando jovens para estudar provenientes do nordeste do país e aqui tiveram acesso ao ensino universitário. O contato com elas foi estabelecido pelas alunas que procuravam voluntárias para a pesquisa em um grupo de terceira idade. Uma delas se prontificou e acabou introduzindo também a amiga.

As entrevistas tiveram duração variada: de duas até oito horas. Nas entrevistas mais longas foi necessário mais de um encontro com a entrevistada. Optei por realiza-las na residência da pessoa. Nas primeiras entrevistas, fui com as alunas, elas observavam e eu conduzia. Nas últimas deixei que elas se encaregassem sozinhas de algumas. Em três

ocasiões a entrevista foi feita só por mim. As alunas também foram orientadas a fazer um diário de campo sobre o contato com as entrevistadas.

As entrevistas seguiram um roteiro estruturado em quatro blocos: os relatos sobre a família e a região de origem, as experiências juvenis relacionadas a namoro, família e educação, a entrada na universidade e/ou no mercado de trabalho e casamento/criação de filhos, o cotidiano e os projetos atuais. Em cada um desses pontos foram explorados tópicos relevantes para o assunto da pesquisa, ou seja, que refletissem as representações das mulheres sobre os temas: sexualidade e corpo. Essa divisão em blocos serviu para a formulação do roteiro. Durante as entrevistas não obedecemos necessariamente a essa ordem. Os blocos serviam de guias para a condução da entrevista, perguntas fechadas foram evitadas, a idéia central era fazer com que as mulheres relatassem suas trajetórias de vida com o mínimo de interferência direta da entrevistadora.

Para a consecução desse artigo, escolhi abordar um aspecto que apareceu com mais nitidez na análise parcial do material recolhido: o relato sobre a primeira vez.

Destino e escolha

O tema da perda da virgindade é emblemático para compreendermos a mudança de valores atribuídos às relações de gênero no âmbito da sexualidade. Entre as décadas de 1960 e 1970 assistimos ao desencadear de um processo de transformação desses valores. As mulheres ouvidas pela pesquisa apresentam uma releitura desse momento. A situação de entrevista constituiu-se num espaço para o exercício desse olhar retrospectivo. Nesse sentido, gostaria de me ater primeiro à descrição dessas situações, baseando-me nos diários de campo que foram feitos por mim e por minhas alunas.

Minhas alunas têm 23 e 28 anos, eu tenho 35. A mulher mais jovem que entrevistamos tem exatamente 60 anos e a mais velha 68. A primeira reação das mulheres em relação ao tema da pesquisa era um misto de curiosidade e desentendimento. Não compreendiam muito bem porque as trajetórias sexuais delas podiam ser de algum interesse

acadêmico, mas, ao mesmo tempo, animavam-se em contar suas histórias amorosas. Durante o relato demonstravam surpresa em alguns momentos com o esquecimento de uma data ou do nome de uma pessoa. Episódios mais sofridos e situações engraçadas foram lembradas e, no meio desse fluxo de memória, invariavelmente surpreendiam-se com o fato de que nunca tinham parado tanto tempo para falar sobre esse assunto com desconhecidos. Fomos então colocadas, eu e minhas alunas, nessa categoria de “estranhos”. As entrevistadas partilhavam do suposto do estranhamento daquela relação de entrevista e, por isso, sentiam necessidade de nos explicar como “no seu tempo” as coisas eram diferentes do tempo de hoje. Ao citar o nome de um filme, ator, de um lugar ou hábito falava-se assim: “Vocês não sabem o que é isso, mas quando eu tinha 20 anos,...”. Expressões como: “você não faz idéia...”, “era tudo muito diferente” ou “vocês nem devem saber o que é...” marcavam uma distinção entre elas e nós e nos colocavam no lugar daquelas que “não fazem a menor idéia”. Esse estranhamento se aprofundava ainda mais quando as alunas estavam presentes. Eu, além de ser mais velha do que as estudantes, possuo o título de professora universitária, o que me confere um degrau a mais na hierarquia da proximidade. Mas, isso não me tirava da categoria de “estranho”.

O relato sobre a primeira relação sexual é um tema que ressalta esse estranhamento. Para elas, é mais do que óbvio que as mulheres de hoje (representadas por mim e por minhas alunas) não são mais presas ao tabu da virgindade como elas foram. Portanto, ao tentar explicar para nós o que era isso elas acabavam construindo para si mesmas uma teoria do tabu da virgindade. Nessa teoria dois pontos são explorados: por que casar? Porque casar virgem? Essas perguntas eram impensáveis há anos atrás, não se fazia esse tipo de questionamento, casar (virgem) era a ordem natural das coisas, por isso, em geral, o relato da primeira vez misturava-se ao relato sobre o casamento. A “noite de núpcias” como uma experiência memorável, para o bem e para o mal. Nesses relatos vemos dois tipos de reação a esse mandamento da virgindade: a perspectiva da valorização da mulher como objeto de desejo para o homem e a perspectiva da negação do casamento como obrigação e única via para a sexualidade feminina. No primeiro caso, trata-se de valorizar a virgindade como um atrativo feminino, o que só foi defendido por uma entrevistada. No segundo caso, mais comum, critica-se a inexperiência sexual das mulheres dessa geração.

No material recolhido pela pesquisa encontramos também um tipo de relato que foge a esse tom anterior. Neles a perda da virgindade aparece como uma escolha. Esse foi o caso daquelas mulheres que resolveram ter a primeira experiência sexual depois que abandonaram o projeto de casamento. Essa foi, em geral, uma escolha difícil e envolveu uma sensação de perda e, ao mesmo tempo, de confirmação da independência.

A teoria do *script* e a primeira vez: comparações preliminares com o material da pesquisa

Em pesquisas sociológicas recentes, inspiradas pela idéia de *scripts* e cenários sexuais (Gagnon,2004), a questão central é a de encontrar, a partir do ponto de vista individual, uma explicação para a ação sem, no entanto, tomar esse ponto de vista como algo subjetivo no sentido estrito. As preferências sexuais e os atos são organizados pelos atores sociais em forma de *scripts*, ou seja, como ordenações seqüenciais e essas ordenações seriam capazes de revelar três dimensões da ação: a **intrapésíquica**, a **interpessoal** e a **cultural** ou cenários. A percepção da articulação entre essas três dimensões torna-se o grande desafio para as pesquisas sobre condutas sexuais, uma vez que se trata de apresentar as descontinuidades e continuidades entre elas. A dimensão intrapésíquica diz respeito ao plano subjetivo da vida mental, a dimensão interpessoal à organização das interações sociais e a dimensão cultural às prescrições coletivas.

O interessante dessa teoria é que ela resiste em tomar essas dimensões como pares determinadas/determinantes; o modelo gráfico mais adequado para representarmos essa idéia seria a de conjuntos/subconjuntos. O *script* é o resultado de um processo de combinação entre esses conjuntos e subconjuntos, um processo que é operacionalizado pelo ator individual como um relato.

Os *scripts* se estruturam como relatos e contêm elementos verbais e não verbais. Como todo relato, eles são manipuláveis, mas não ficções. Eles não explicam situações concretas, mas servem de mapas de orientação para conferir coerência à trajetória individual. Em nome dessa coerência, o sujeito pode manipular os eventos (que são

elementos do *script*), reordená-los no tempo, reinterpretando-os; colocando maior ou menor ênfase em alguns e estabelecendo conexões de causa e efeito entre eles. Gagnon denomina isso de capacidade adaptativa dos *scripts*. Não há como não lembrarmos da “ilusão biográfica” de Bourdieu (1996). Mas, diferente de Bourdieu⁵, os cenários culturais são tomados pela teoria do *script* como palco das interações e objeto de manipulação intrapsíquica ou, como diz Bozon (2004:131):

“Ainda que constituam o pano de fundo simbólico do sexual, os cenários culturais só funcionam como objeto de interpretação (no sentido teatral) dos atores sociais, por um lado no plano intrapsíquico e, por outro, no plano interpessoal no momento da negociação das condutas. A atividade intrapsíquica implica reformulações e improvisações feitas pelos indivíduos, que se apropriam, à sua maneira, de conteúdos culturais cujo ritmo de transformação histórica pode ser muito lento. A elaboração interpessoal é comandada pelas condições sociais de interação: com poderes e recursos desiguais, os atores nem sempre compartilham o consenso que, aparentemente, existe no plano cultural, mas fazem concordar suas condutas sobre um fundamento de ritualidade social”. Seguindo uma tradição mais próxima do interacionismo simbólico, a teoria do *script* adere a um sentido mais individualista acerca das condutas sexuais. Sentido esse que se revela bastante condizente com uma interpretação dos processos sociais de modernização como processos de progressivo crescimento e desenvolvimento das esferas da intimidade e da interioridade psíquica acompanhados de uma também crescente fragmentação e heterogeneidade da vida social. A sexualidade não escapa a esse processo, ao contrário, torna-se uma de suas bases mais significativas.

Em artigo de 1995, Gagnon e Laumann assumem como um desafio para a teoria do *script* o desenvolvimento de considerações mais profundas acerca da estrutura social.

⁵ Bourdieu (1996:81-2) dá uma outra conotação ao contexto sócio-histórico e sua articulação com as trajetórias individuais. No seu artigo “A Ilusão biográfica”, essa articulação é tomada da seguinte maneira: “Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço orientado. Isto é, não podemos compreender uma trajetória a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado ao conjuntos dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis.”

Segundo esse autores, a teoria do *script* ainda deixa a desejar nesse ponto por duas razões: “In part this is the result of the greater interest of scripting theories in the symbolic environment (culture) and the interpreting individual (mental life) than in the social structuration of sexual interaction, but it also reflects a residual commitment to an individualistic approach to sexuality rather than to a concern for the actual contexts and enactments of interaction that shape sexual conduct as a social performance.” (Laumann & Gagnon: 1995,191)

Como uma forma de superar essa lacuna, Gagnon e Laumann sugerem que as pesquisas se voltem para a identificação de aspectos que definam como um indivíduo se vê a si mesmo e a seus possíveis cursos de ação. Eles chamam esses aspectos de “master statuses”. Exemplos disso seriam: a cor, o gênero, a idade, o nível de escolaridade, o estado civil. São características que inserem os indivíduos num contexto social e podem ajudar a explicar suas ações e o que é esperado delas socialmente. A combinação dessas características forneceria um quadro de referência para o estudo das atitudes e representações acerca da sexualidade. A suposição dos autores é a de que, como qualquer relação social, as relações sexuais são regulares, ou seja, elas tendem a se estabelecer entre indivíduos que compartilham os mesmos “master statuses”, exceção feita ao gênero. Gagnon e Laumann baseiam-se muito em exemplos da sociedade norte-americana onde esse princípio de homogamia social parece prevalecer. Acho apressado, no entanto, partirmos desse princípio. Em sociedades complexas, as relações sociais se dão em vários níveis e, nem sempre, são estabelecidas por similaridade. Isso não quer dizer que não hajam regularidades, mas que elas podem se constituir através da heterogeneidade (Velho, 1994)

Apesar de Gagnon e Laumann não explicitarem nesse texto o que eles chamam de cultura ou “symbolic environment”, suponho que não há como excluirmos essas variáveis sociológicas de seu significado simbólico. Sexo, idade, cor, educação não podem ser tratados como índices objetivos, mas como categorias de análise que representam uma determinada visão de mundo e, para dizermos como Dumont (1993), expressam uma hierarquia de valores. Mais do que quadro de referência para o estabelecimento de relações

regulares, gênero, idade e cor expressam modos de estar no mundo. Através desses modos, os indivíduos atribuem sentido às suas experiências, inclusive as sexuais.

Em análise recente sobre as alterações em relação ao tempo de entrada na sexualidade para homens e mulheres, Bozon (2004) afirma a importância que o grupo de idade, a rede de amigos, adquiriu para essa entrada e que a desconexão entre sexualidade e casamento inaugurou, principalmente para as mulheres, a construção da expectativa de uma “primeira relação ideal”. Bozon fala de uma reorganização das normas de entrada na sexualidade e não de uma liberação. O fato de que a primeira relação ocorre mais cedo atualmente, tanto em termos de faixa etária quanto em termos de formação da idade, não implica que a sexualidade esteja desregrada. A norma do casamento se afastou e a experiência sexual tomou um novo sentido para os indivíduos, principalmente para as mulheres.

“Uma primeira relação sexual conforme o ideal contribuiria para confirmar a capacidade do indivíduo para travar um relacionamento. Considera-se que a primeira relação sexual fracassou quando ela se desenvolve em um contexto que a impede de ser um ato criador de vínculo. Reencontramos aqui uma versão transformada de uma norma mais antiga, segundo a qual a primeira relação sexual deve se dar com o grande amor ou com o cônjuge. Apesar dessa norma também aparecer entre os homens, seu poder parece ser menos estruturante entre eles: no caso de uma relação sexual precipitada com um parceiro eventual, as mulheres exprimem maiores remorsos, na medida em que, sem dúvida, os homens sempre podem se declarar satisfeitos por ter adquirido uma experiência individual qualquer, boa ou ruim, em matéria de sexualidade. Poucos rapazes declaram ver na iniciação sexual apenas um aprendizado prático; mas a importância que eles atribuem ao aspecto ‘técnico’ da primeira experiência sexual se manifesta claramente através do temor bastante difundido de não estar fisicamente a altura.

“Os critérios sociais de avaliação da fase da vida que se situa atualmente entre a primeira relação sexual e a entrada mais tardia na vida conjugal (fase da sexualidade juvenil) continuam a levar fortemente em conta o sexo do indivíduo: assim, uma moça cuja vida sexual naquele momento compreenda experiências múltiplas e breves é fortemente

sancionada através de sua reputação – o que não acontece com os rapazes na mesma situação” (Bozon: 2004,128)

A primeira experiência sexual adquiriu um status novo não só em termos de afirmação individual (auto conhecimento e reconhecimento diante dos pares), mas também como etapa fundadora do vínculo entre os parceiros afetivos. O sexo é o lance inicial do estabelecimento da relação e não um momento mais tardio, como se dava no passado. O princípio absoluto da moral da espera e da reserva em relação à sexualidade foi substituído por uma “nova normatividade” baseada na idéia de responsabilidade e escolha individual do momento e da pessoa certa; escolha essa que é orientada pelos grupos de pares.

A perda da virgindade transforma-se numa decisão e configura uma experiência fundadora, um ato de inauguração: a entrada do indivíduo na sexualidade sem que isso represente um laço de casamento. Para as mulheres essa nova moral, mais individualista, implica na projeção de uma “primeira vez ideal” e também na negociação com o parceiro dos mecanismos de proteção a serem utilizados. Os métodos contraceptivos e o advento do HIV/Aids reforçaram o quadro dessa responsabilização individual sobre o sexo.

No material da pesquisa até agora analisado, os relatos sobre a primeira vez têm apresentado as seguintes características recorrentes entre as mulheres casadas, viúvas e separadas: um total desconhecimento sobre o que aconteceria na “noite de núpcias”, ansiedade em relação ao momento, decepção. Entre as solteiras encontramos um outro tipo de relato: a perda da virgindade como uma forma de confirmar a “independência”, o que não excluiu um cuidado em selecionar a pessoa com quem fariam sexo pela primeira vez.

O desconhecimento sobre sexo é um assunto repetido em todas as entrevistas. Elas se referem ao silêncio em torno do tema, imposto pelas famílias, pela Igreja Católica e pelas escolas que se refletia numa total falta de palavras para se referir ao sexo. “Isso não era um assunto para nós”, “sexo simplesmente não existia”. A entrada na vida afetiva se dava com amigos próximos ou primos e se limitava aos namoricos de portão, as danças nos

bailes, ou nos passeios na praça e no cinema – sempre fiscalizados por adultos. As trocas de olhares e as mãos entrelaçadas eram os símbolos físicos dessas relações juvenis.

“Eu acho que pra gente era um namoro bom, entendeu? Mas assim, não se fazia nada, nunca transei com nenhum namorado, quer dizer, eu perdi a minha virgindade aos 26 anos, pra você ver como é que era uma coisa assim...pelo medo mesmo, tinha assim um clima e você tinha que casar e você... E aí a gente namorava, beijava, saía, andava de mãos dadas, ia pras festas...era uma coisa pueril eu acho...nunca ninguém tinha essas necessidades...não era uma coisa que fazia falta, enquanto uma necessidade humana básica da gente é...ter outro tipo de relação.”

O desconhecimento levava ao medo. No entanto, o silêncio não era total. Uma série de metáforas povoava a imaginação dessas mulheres:

“Eu casei achando que se eu tomasse melhoral eu não ia engravidar, tomei melhoral e engravidei logo. Vê a ignorância?”

“Meu pai dizia coisas e minha mãe sobre os homens bárbaros, né? Então, se ele abraçar você não deixa! Se for dançar e tiver uma bala nos bolsos você se afasta! (...) Então você tinha medo de uma coisa que era dita em códigos e que a gente não sabia o que era.”

“Lá no colégio interno a gente sabia de umas meninas que eram muito amigas, mas ninguém falava nada abertamente, até porque a gente tinha muito medo das freiras.”

“Ah, minha filha! Você nem fala, apavorada, apavorada. Naquela época quando eu fiquei menstruada eu nem sabia o que era e saí gritando pela casa porque tava toda ensangüentada! Com 15 anos! 15 anos! O que eu sabia, o pouco que eu sabia, era por colegas de escola e muito pouco a gente conversava sobre isso, era tabu, naquela época era indecência, imoralidade”.

A primeira transa só foi relatada como um momento de muito prazer e descoberta por uma entrevistada, embora a mesma tenha, como as demais, lembrado todo o sofrimento e ansiedade que antecederam a “noite de núpcias”. O nervosismo é a marca mais forte que ficou na lembrança dessas mulheres e uma certa ansiedade pra saber o que ia acontecer afinal. Decepção foi a sensação descrita pela maioria: “eu achei que eu ia ver estrelas!” “Achei que acabou muito rápido”. Uma delas inclusive comparou a primeira noite com as carícias que recebia do marido quando eram namorados. “No namoro era muito mais gostoso! Tinha aquela coisa proibida! E ele era muito carinhoso comigo. Depois do

casamento perdeu o encanto, ele deixou de me fazer carinhos”. Apesar da decepção, a idéia dominante era de que sexo fazia parte do casamento, como ter filhos. Não era uma opção, era um elemento intrínseco da relação do casal, portanto, não havia o que problematizar naquele momento. Além disso, invariavelmente os filhos chegavam logo depois e a relação sexual perdia espaço para a criação dos filhos. Entre as mulheres que se separaram, e o fizeram entre os anos 70 e 80, encontramos um discurso que aponta como um dos elementos da separação a descoberta da sexualidade:

“Depois que eu me separei eu dei pra todo mundo que eu queria, homem e mulher.”

“Eu tive o meu primeiro orgasmo depois que eu me separei”.

Em outros dois casos, o fim do casamento se deu pelo encontro com outro homem, a constatação de que a vida sexual podia ser diferente levou ao questionamento do casamento. Mas, essa constatação também veio acompanhada de outras mudanças, profissionais principalmente. O sexo ruim era só mais um motivo para compor o quadro da crise do casamento, mas não o principal.

Particularmente interessante é a situação das mulheres solteiras. A decisão de perder a virgindade nesse caso passou pelo abandono do projeto de casamento. Com as carreiras profissionais constituídas, morando sozinhas numa cidade grande como o Rio de Janeiro nos anos 1970, essas mulheres se depararam com a virgindade como algo a ser vencido, superado. Um obstáculo que não condizia com o restante de sua biografia de mulher independente. Uma delas, militante política na época, lembra:

“As pessoas não acreditavam que com 30 anos eu ainda era virgem!”

Ela narra que era até alvo de chacotas entre os amigos por causa disso. Outras duas, migrantes nordestinas, contam a dificuldade que foi tomar a decisão. Passaram entre três e cinco anos pensando no assunto até se decidir. Uma das razões da hesitação estava nas

famílias de origem: O que os pais, nordestinos semi-analfabetos, iam pensar se soubessem? O medo de que “ficasse estampado na minha testa que eu não era mais virgem”.

Transar sem casar era uma transgressão que implicava na aceitação de uma punição: perder a possibilidade de encontrar marido e, conseqüentemente, de ser mãe. Já estando perto dos 30 anos e sendo consideradas “solteironas” pela família, essas mulheres já se sentiam fadadas à solidão e à impossibilidade de ter filhos. Transar nessa situação seria a confirmação desse destino. Apesar disso, essas mulheres escolheram transar pela primeira vez com alguém em quem confiassem e por quem tivessem “afeto”. A primeira relação sexual se deu com um namorado. O curioso é que todas falaram de uma estabilidade da relação, mesmo que ela não implicasse em matrimônio. A primeira transa não poderia ser eventual nem sem sentimentos. Apesar disso, não encontrei nesses relatos a referência ao primeiro ato sexual como algo positivo. O tom geral é mais de uma sensação de alívio, de ter tirado um peso das costas.

“A década de 1970 era uma década difícil, todo mundo tava descobrindo o sexo e as verdades, então a coisa ficava muito pior, né? Porque todo mundo achava que você tinha que entrar na roda, sair, dormir junto, eu não conseguia, eu nunca consegui deitar com ninguém que eu não sentisse um afeto diferente...eu não sei...Será que eu sou normal? Todo mundo transava... eu via a M. e a I., eu ficava olhando, meu Deus! Eu não sou normal! Não devo ser! Por que eu não consegui ter tesão por uma pessoa que eu tivesse só simpatia?”

“Como é que era essa pressão? Como é que isso se passava?”

“Deixe eu me lembrar...porque no cinema, o beijo, na televisão já aparecia assim mais claramente...porque eu me lembro assim que a questão da sexualidade era uma coisa mais escondida, não era uma coisa exposta e na década de 70 tudo ficou exposto!”

“Como?”

“É beijo na rua, beijo no ponto, na praia, abraço, coisas íntimas que você nunca via. Era uma pressão muito grande! Eu não sei, vocês é que estão mexendo comigo, com essas coisas, entendeu? Porque eu nunca falei sobre isso com ninguém, nem sei porque eu falei com as meninas (as bolsistas da pesquisa), eu acho que elas me seduziram e eu acabei falando nisso. Eu falo com pouca gente sobre isso. Às vezes, a gente mesmo tem dúvida das coisas que a gente não entendia ou porque a gente não fazia.”

A própria pesquisa transformou-se numa pressão.

Esse grupo investigado pela pesquisa conta com mulheres que hoje estão na faixa dos 60 anos e que tiveram sua primeira experiência sexual no casamento por volta dos 20 anos de idade, experiência essa que rapidamente se seguiu à maternidade. Aquelas que não

se casaram tiveram a primeira experiência mais tarde, entre 26 e 30 anos. Comparadas às jovens de hoje cuja idade para a realização do primeiro intercuro sexual é muito mais baixa (por volta dos 17 anos) e não está subordinada ao casamento (Bozon,2004), as mulheres da pesquisa pertencem a um outro universo moral em matéria de conduta e valores relativos à sexualidade, embora não tão distante quanto elas acreditam.

A Liberação feminina: a diferença entre as mulheres

Gostaria de recuperar o argumento enunciado anteriormente: as mulheres que entrevistei, ao refazerem sua biografia sentimental, estão simultaneamente criando um discurso explicativo das opções que fizeram (ou que foram forçadas a fazer). Nesse inventário fica evidente uma percepção comum de que elas viveram uma época de profundas alterações nos valores da sociedade brasileira em relação ao tema da sexualidade. Alterações que surpreendem, como se tivessem acontecido a despeito da vontade dos sujeitos ou de suas interferências. De repente, se descobriam “o sexo e as verdades”. Essas alterações parecem inaugurar um novo ambiente para as mulheres das gerações seguintes. A liberação sexual da mulher é uma das marcas dessa diferença, mas as avaliações sobre o impacto dessa liberação não são de todo positivas. A comparação entre o que acontecia no passado em termos de sexualidade e o que acontece hoje surgiu nas entrevistas de maneira espontânea, como se o contraponto entre elas e nós (mulheres mais jovens) servisse para explicar as diferenças e nos fazer ver o quanto o mundo havia mudado dos anos 1960 para cá.

Se alguns aspectos dessa mudança são celebrados, como o fim da virgindade como um mandamento, a maior experiência sexual das mulheres de hoje e a diminuição da discriminação às mulheres separadas e às mães solteiras. Por outro lado, essas mulheres identificam novos problemas. Um deles foi ressaltado por quase todas: a banalização do sexo e o reinado do corpo perfeito. Esses problemas colocam em questão a liberação sexual da mulher. No discurso delas é como se tivéssemos passado de um mundo onde o sexo era proibido para um universo onde ele é supervalorizado. Acompanhando esse movimento, emerge também o discurso da boa forma física e da exibição do corpo. Muitas vezes essa

valorização do corpo é tida como pré-requisito para o exercício da própria vida sexual (Goldenberg,2002) A centralidade atualmente conferida ao corpo é considerada estranha para essas mulheres, como se essa dimensão tivesse se acentuado ao longo do tempo e que hoje esteja conformando boa parte das percepções que os sujeitos têm de si e de suas relações.

“Vocês são de uma geração que tem um culto ao corpo que a minha não teve, então a relação com o corpo da geração de vocês talvez já seja até diferente da geração da minha filha, que é um pouco mais velha que vocês, mas é muito diferente da minha. Eu levei anos pra usar um biquíni, vocês vão achar graça nisso tudo! Mas, era um maiô de duas peças que depois virou como se fosse assim um shortinho com sutiã, essa roupa que o pessoal usa pra fazer ginástica hoje, era aquele tipo de coisa que no meu tempo de menina a gente usava, aquele tipo de coisa sem mostrar a barriga, então a relação com o corpo evidentemente que não pode ser...quem levou anos pra usar biquíni não pode ter a mesma relação com o corpo que vocês que já nasceram de biquíni tem. Eu faço aquela hidroginástica e vejo as mulheres da minha idade tirando a roupa completamente na hora que a gente sai da piscina e vai lá no banheiro se vestir pra voltar pra casa, mas não é a maioria. A maioria que eu vejo as pessoas da minha geração tem uma coisa mais pudica, uma coisa mais assim pra nós. Se a gente ficar doente e precisar de uma pessoa pra cuidar vai ser mais difícil alguém me tocar o corpo, alguém me ver nua, do que eu sinto que vai ser na geração de vocês.”

“No colégio a gente aprendia a trocar de roupa no vestiário sem mostrar nenhum pedacinho do corpo: botava a saia por cima pra depois tirar a parte de baixo e vestia uma blusa por cima da outra! Era um malabarismo pra não ficar pelada!”

A exaltação da magreza, da juventude e do corpo esculpido em academias e por cirurgias plásticas afetam a percepção que essas mulheres têm de si mesmas e do papel que a sexualidade ainda pode ter em suas vidas. Embora se coloquem de fora, ao afirmar que esse “culto ao corpo” é algo recente e que não faz parte do repertório da geração delas, todas reconhecem que o padrão de mulher magra e jovem ajuda a reduzir a importância da sexualidade em suas vidas, deslocando o interesse para outras áreas como o trabalho e a família, por exemplo.

“Eu vou pra praia, boto biquíni, não quero nem saber se estou gorda ou com celulite, aí eu já tenho a idéia de que não vou transar com ninguém mesmo, não vou mais atrás de ninguém, então pra que eu vou ficar preocupada com meu corpo?”

“Olha eu não tenho mais saco! Entre ir a um teatro e fazer sexo, eu prefiro o teatro. O teatro sai de cartaz, o sexo fica.”

O curioso é que esse aparente descaso é também acompanhado de uma idéia de que o afeto, o encontro de um parceiro afetivo pode acontecer e aí quem sabe? O sexo não vem depois? A idéia de ter um namorado, o que não implica casamento, não está abandonada por nenhuma das mulheres, viúvas, solteiras ou separadas. O sexo seria então a conseqüência natural de um envolvimento dos afetos. Nesse ponto elas não estão muito distantes das jovens de hoje, como afirma Bozon (2004) em suas pesquisas sobre sexualidade juvenil contemporânea, mas não reconhecem essa aproximação. Embora iniciem a vida sexual mais cedo, as meninas de hoje também fantasiam a relação sexual com alguém “especial” com quem tenham algum tipo de vínculo⁶.

“A gente não se vê com freqüência certa (ela e o namorado, que tem a mesma idade que ela) às vezes eu fico numa distância de quinze dias, às vezes de seis meses porque ele mora em São Paulo e não tem tempo pra vir aqui e eu não gosto de ir pra lá, quer dizer, não gosto não, é bom quando ele está aqui, aqui eu tenho espaço para recebe-lo, lá é tudo mais complicado. Bom, mas aí não tem nenhuma rotina, é tudo completamente imprevisível, mas é ótimo! Quando acontece e quando dá certo, é ótimo. É uma coisa que aconteceu na minha vida que não tava programada e que ta bem.”

“Eu vou te confessar que tem um amigo meu que me chamou pra jantar um dia desses e eu fiquei toda animadinha, sabe?! Aquele friozinho na barriga de esperar alguém...”

Mas, as mulheres que entrevistamos, ao falarem sobre as filhas e/ou sobrinhas, enfatizam as diferenças. Enquanto elas fizeram parte de uma geração que não recebia orientação sobre sexo, se colocam como mães e tias que, apesar das dificuldades que experimentam com o tema, falam sobre sexo com os filhos e sobrinhos, especialmente com as meninas.

“A R. (filha) começou a vida sexual muito cedo. Um dia ela veio dizer pra mim assim, com quatorze anos de idade: ‘eu já fiz amor com o fulano’. Aí eu falei: ‘Então, pêra aí! Não faça não!’ Ela ficou sem graça, aí eu disse: ‘Eu vou te levar ao médico’. Então, foi o momento, nem se pode imaginar eu com quatorze anos de idade falando uma coisa dessas pra minha mãe, mesmo se eu quisesse eu não diria nunca! Mas, minha filha se sentiu a vontade de falar isso com a mãe dela.”

⁶ As pesquisas as quais me refiro implicam na avaliação de dados sobre sexualidade de jovens de diversas faixas etárias residentes em grandes centros urbanos na América Latina e na França.

Reconhecendo mudanças nas percepções sobre as relações com a sexualidade, essas mulheres também apontam para um incômodo: Como explicar essa transformação que elas vivem como abrupta entre uma norma do silêncio e da reserva para uma norma da exposição? Como já mencionamos, as mudanças não são tão abruptas, ou seja, não vivemos no reino da liberação sexual absoluta, como bem mostrou Bozon (2004). Mas, por outro lado, existem mudanças nas normas da interação sexual. Nesse artigo nos concentramos sobre as regras de entrada na sexualidade e suas mudanças. Hoje, essa entrada se dá mais cedo na trajetória individual, com o apoio das redes de amigos e também ocorre mais cedo na constituição do casal, o sexo torna-se, assim, um elemento fundador do par. Essas duas mudanças normativas são interpretadas pelas mulheres mais velhas hoje como eventos que, ao mesmo tempo em que trazem vantagens para a mulher, constituem também uma ameaça e marcam uma diferença entre elas e as mais jovens. Além disso, o resultado das mudanças é tido como incompreensível, como fundando um outro universo de valores e práticas. Uma das informantes registrou essa inquietação da seguinte maneira:

“Eu vejo lá no meu trabalho as meninas, cada dia elas ficam com um e elas gostam disso, vivem isso com uma facilidade! Acho que é do mundo mesmo, da mídia, da novela, umas coisas assim. Eu acho difícil isso, eu não sei como é que é essa relação afetiva. Eu fico pensando o que será delas quando saírem dessa fase adolescente com relação ao afeto porque eu acho que afeto sustenta as relações, não é? Eu acho que é isso. Eu fui criada pra gostar do outro. É criação mesmo, eu acho que a gente não desmarca isso! É um código que colocam na gente que por mais que você diga que isso é avançado, não dá! Quando você vê já tá atrasado! Eu com comportamento da década de 40 e 50, pensando em controle.”

Bibliografia

Bourdieu, P. A Ilusão biográfica. In: _____. *Razões práticas: uma teoria da ação social*. Campinas: Papirus,1996.

Bozon, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV,2004.

Dumont, L. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Elias, N. *O Processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Gagnon, J. C. Scripts and the coordination of sexual conduct. In: _____. *An Interpretation of desire*. Chicago: Chicago University Press, 2004.

_____ & Laumann, E. A Sociological perspective on sexual action. In: _____ & Parker, R. *Conceiving sexuality*. New York: Routledge,1995.

Goldenberg, M. (org.) *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Heilborn, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond,2004.

Katz, S & Marshall, B. Is the functional “normal”? Aging, sexuality and the bio-marking of successful living. *History of the Human Sciences*. London: Sage, vol.17, n.01, 2004, pp.53-75.

Lins de Barros, M. M. Do “Mundinho fechado” ao universo quase infinito: negociando a saída de casa. *Caderno CRH*: Salvador, v.17,n.42, set./dez.2004, pp.365-373

Simões, J. A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Piscitelli, A., Gregori, M.F., Carrara, S. (orgs.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

Vaitsman, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Velho, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.